

# O índio alemão

ETNOLOGIA BRASILEIRA CELEBRA CENTENÁRIO  
DA CHEGADA DE SEU CRIADOR AO BRASIL

**A**lemão de nascimento, brasileiro por opção e índio por vocação. Assim era Curt Nimuendaju, nascido Curt Unkel, na cidade de Jena, na Turíngia. Em 2003, faz cem anos que ele deixou sua cidade natal, onde trabalhava como aprendiz na indústria ótica Zeiss, para desembarcar no Brasil, realizando o sonho que cultivava desde criança: conhecer e estudar os índios da América do Sul.

Os festejos em torno do centenário de sua chegada ao Brasil, ainda que modestos, ajudarão a tornar mais conhecidas do público a vida e a obra de um dos maiores estudiosos dos índios deste país. Responsável pela elaboração de um monumental mapa etno-histórico editado pelo IBGE em 1980 – que localiza 1.400 grupos étnicos pertencentes a 40 troncos lingüísticos –, bem como pelo detalhado registro de mais de cem línguas indígenas e uma coleção de mitos, lendas e tradições, Curt Nimuendaju, como foi rebatizado pelos índios, poderá finalmente ganhar seu lugar de destaque no panteão dos pesquisadores que dedicaram a vida a salvaguardar o patrimônio cultural do Brasil.

Diante dos vários volumes meticulosamente manuscritos ou batidos à máquina, registros fotográficos da maioria das 46 tribos que visitou e uma extensa correspondência com alguns dos maiores antropólogos e etnólogos de seu tem-

po, surpreende saber que Curt Unkel foi autodidata. Nunca teve qualquer formação acadêmica, mas erigiu sua extensa obra sobre um sonho de infância. Menino ainda, brincava de índio, inspirado pelos livros de Karl May, um alemão que descreveu com riqueza de detalhes a vida das tribos norte-americanas sem nunca ter saído da Alemanha. Aos 20 anos, depois de um breve estágio como aprendiz na fábrica de instrumentos óticos Zeiss, Curt decidiu atravessar o Atlântico para embarcar numa aventura que duraria até a sua morte, em dezembro de 1945, aos 62 anos, numa aldeia ticuna do alto Solimões.

Em 1905, dois anos depois de aportar no Brasil, ele já estava vivendo entre os índios guarani-apapocuvás, no estado de São Paulo. Foi deles que ganhou o nome Nimuendaju, “aquele que constrói o seu próprio lar”. O estudo dessa tribo, de suas tradições e de seu idioma marcou o início de sua carreira científica. A lenda da criação e do juízo final como fundamento da religião dos guarani-apapocuvás foi publicada na Alemanha em 1914 e traduzida para o português em 1982.

Em mais de 40 expedições por todo o Brasil, visitou 46 tribos. Para a antropologia, merecem destaque os estudos pioneiros das tribos jês. Por meio de detalhadas listagens de vocábulos, às vezes com até 600 ou 800 itens, sempre com



ACERVO DO MUSEU NACIONAL

as palavras correspondentes em alemão ou português, o etnólogo documentou mais de cem línguas, das quais 54 continuam inéditas. Só para ter uma idéia do universo pesquisado por ele, ainda subsistem, hoje, cerca de 180 línguas indígenas no Brasil.

A pesquisa lingüística de Curt Nimuendaju não se limitava ao vocabulário. Ele esboçou também ensaios gramaticais e estudos comparativos entre os diversos idiomas. A chave para esses estudos está nas tabelas de diacríticos, que ele fez com mais de 140 sinais ou combinações de letras, para registrar com maior precisão a diversidade das línguas, numa época em que não existiam gravador nem computador.

"Nimuendaju trabalhava de maneira incessante, quase obsessiva. Fazia o que hoje chamamos de 'antropologia de urgência', privilegiando o estudo de grupos que sabia ameaçados de extinção", diz a lingüista Charlotte Emmerich, professora associada, livre-docente e titular aposentada do Departamento de Antropologia da UFRJ, fascinada há décadas por esse estudioso.

Desde que mergulhou no legado de Nimuendaju – cujo depositário é o Museu Nacional, no Rio –, Charlotte Emmerich não pára de descobrir mais e mais contribuições deixadas por ele. Um exemplo é a sua coleção de lendas e mitos. Por onde andava, usava sua sensibilidade intuitiva, sua persistência teutônica e seu admirável domínio lingüístico para garimpar todas as manifestações possíveis do imaginário das tribos. Datilografou mais de 400 relatos, divididos por tribos, datados e muitas vezes comentados.

Trabalhando de forma solitária, sem ajuda oficial – sua atuação no Serviço de Proteção aos Índios foi muito breve –, Nimuendaju financiava suas pesquisas vendendo ob-

jetos coletados entre os índios para museus estrangeiros e brasileiros. Cada artefato era cuidadosamente descrito quanto a uso, função e materiais empregados, além de dados sobre o artesanato. Graças a essa preocupação, os museus de Leipzig e Dresden, na Alemanha, o Museu Nacional do Rio de Janeiro e o Museu Goeldi, de Belém, por exemplo, mantêm até hoje coleções etnográficas de grupos indígenas cuja identidade cultural se perdeu.

Sua grande obra, reconhecida, é o mapa etno-histórico – uma obra de vulto, baseada em dados de quase mil fontes bibliográficas, além das anotações próprias. Sua terceira e mais completa versão está no Museu Nacional do Rio. "O mapa, como tudo o que Nimuendaju fez, demonstra a sua preocupação em salvaguardar um patrimônio lingüístico, histórico, etnográfico e artesanal que ele sabia ser único, precioso e insubstituível", diz a pesquisadora.

Um dos sonhos de Charlotte – ver o mapa digitalizado em CD-ROM e divulgado no seu formato original – poderá se tornar realidade ainda este ano. Esse é um dos eventos planejados para comemorar o centenário. Outro plano – objetivo da pesquisa que tem financiamento da FAPERJ – é publicar os acervos relativos às 54 línguas indígenas docu-



FOTOS: ALVARO VICTOR

CHARLOTTE EMMERICH QUER TORNAR A OBRA DE NIMUENDAJU MAIS CONHECIDA DO PÚBLICO

mentadas por ele na revista científica mais antiga do Brasil, Arquivos do Museu Nacional. Outro sonho é reunir e republicar, desta vez no Brasil, os materiais de outras 50 línguas publicados em vida em revistas estrangeiras, disponibilizando todo o acervo lingüístico em forma de CD-ROM. Um *software* foi especialmente desenvolvido para entender todos esses materiais lingüísticos. Até o final do ano, uma exposição no Museu Goeldi, de Belém, com lançamento de um CD-ROM dedicado a Nimuendaju sob a coordenação da pesquisadora Priscila Faulhaber, também deverá comemorar o centenário da chegada ao Brasil desse alemão que virou índio.

Kristina Michahelles

**Apoio FAPERJ**

**Título** | Matérias lingüísticas inéditas de Curt Nimuendaju

**Modalidade** | Auxílio à Editoração – APQ3

**Valor** | R\$ 31.500 **Ano** | 2002



